Billy, o pulguento

Lucas Hernandes

Billy, o pulguento

Título original: Billy, o pulguento
Autor: Lucas Hernandes

Todos os direitos reservados.
© Copyright by Lucas Hernandes.

Revisão: Fernanda Hernandes
Capa: Lucas Hernandes
Editora Clube de Autores ©

BILLY, nomes, conteúdos, personagens, símbolos e elementos correlatos estão protegidos pelo Colpyright ©.

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo da Língua Portuguesa.

R796h Hernandes, Lucas, 2002 – Billy, o pulguento.

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantil
2. Literatura infanto-juvenil

36-2896 CDD-023.9

CDU-023.4

Billy, o pulguento - Lucas Hernandes

LUCAS HERNANDES

BILLY, O PULGUENTO



Meu nome é Billy, mas na rua eles me chamam de pulguento, isso mesmo, pulguento, sabe como é né?! Cão sem dono, nunca tomou banho, pulguento.

Lá estava eu, caminhando pela rua cheia de pessoas voltando do trabalho, quando atravessei a avenida, o farol havia aberto, os carros buzinavam e aceleravam, andava pela

praça lotada de adolescentes sem nada o que fazer.

Quem mora na rua vive com fome. Quando parei um pouco para descansar em frente um boteco que havia lá na esquina, um homem bem corpulento jogou um osso para mim.

— Está aí, pode comer pulguento! — disse o homem.

Logo outro homem que aparecera do fundo do boteco e outro homem que estava sentando em uma mesa próxima de mim disseram:

— Sai daí seu imundo, sai pulguento! — falou os dois homens com ignorância.

Me ameaçando dar chicotadas com um pano de prato que havia na mão dele. Eu saí correndo, desesperado e com medo do iria vir pela frente.

A vida na rua é imprevisível.

Quando uma senhora que parecia estar fazendo comida, pega um balde cheio d'água gelada e joga em mim, fiquei muito assustado e sai correndo. Tem que ficar ligeiro, porque a gente nunca sabe o que vem por aí. Enquanto caminhava pela mesma rua do boteco que fui espantado. Até que um dia, ele apareceu, um homem sujo e suado me chamou carinhosamente, me pôs no porta-malas de um carro bem antigo e seguiu, fiquei feliz da vida. Levamos uns vinte minutos até chegar num galpão encardido de fuligem, ele amarrou-me num cantinho, fiquei tentando sair, mas não consegui, fiquei tremendo, com os olhos cheios de lágrimas. Esse homem colocou um pão na minha frente mas não conseguia alcançar para comer, estava com fome e com sede. Começou uma chuva muito forte, e eu ainda estava amarrado lá, tomando chuva, enquanto ele ficava dentro do galpão consertando motos. Eu não precisava só de um dono, eu presisava de carinho.

Fiquei latindo sem parar, e o homem começou à gritar:

— Pulguentoo! Pare de latir, pulgento!
Enquanto estava tentando escapar, a corda tinha se rompido e finalmente consegui escapar, o homem ficou correndo atrás de mim, gritando: “PULGUENTO VOLTA AQUI, PULGUENTOO!”, mas felizmente consegui fugir.

Na rua pelo menos eu sou livre! Ainda estava chovendo um pouco, e eu estava andando pela rua deserta e molhada.

De repente me deu uma fraqueza. Deitei na escada de pedra rachada que tinha lá, estava ofegante, uma dor que não passa. Quando começa à ficar tudo escuro, logo depois abri os olhos lentamente e via tudo embassado, uma mulher que não reconheci direito me colocou numa gaiola para cães, quando adormeço de novo, acordo novamente com o rosto de uma veterinária e de um galão de soro, estava